

O GORGULHO

Boletim Informativo sobre Biodiversidade Agrícola
COLHER PARA SEMEAR – Rede Portuguesa de Variedades Tradicionais
ano 4 . n°4 . Inverno de 2007. Distribuição gratuita a sócios



Destaques neste número:

LONGEVIDADE DAS SEMENTES
ALMANAQUE - O QUE FAZER NA HORTA?
BALANÇO DO AO ENCONTRO DA SEMENTE-2006
PIONEER CESSA CULTIVOS DE OGM EM PORTUGAL

ÍNDICE

EDITORIAL.....	- 2 -
AO ENCONTRO DA SEMENTE-2006	- 3 -
O SLOW FOOD E A BIODIVERSIDADE	- 4 -
AO ENCONTRO DA SEMENTE 2006.....	- 6 -
- Reflexão e conclusões.....	- 6 -
ECONOMIA E AGRICULTURA.....	- 7 -
A COLHER PARA SEMEAR LÁ FORA.....	- 8 -
LONGEVIDADE DAS SEMENTES	- 10 -
PASSEIO DE PRIMAVERA.....	- 12 -
REINVENTEM-SE NOVAS CIDADES.....	- 12 -
PIONEER CESSA CULTIVOS DE OGM EM PORTUGAL!	- 16 -
ALMANAQUE.....	- 16 -
O INVERNO NA HORTA	- 16 -
Janeiro	- 17 -
Fevereiro	- 17 -
Março.....	- 18 -
AS ERVILHAS (<i>Pisum Sativa</i>)	- 18 -
Cultura	- 18 -
BOLETIM DE INSCRIÇÃO DE SÓCIO.....	20
COMO CONTRIBUIR?	20

Ficha Técnica

O Gorgulho, nº 4 - Inverno de 2007

Boletim Informativo Sobre Biodiversidade Agrícola

Edição: Colher para Semear – Rede Portuguesa de Variedades Tradicionais

Coordenação, revisão e composição gráfica:

Fátima Teixeira

Capa: Fotos de Graça Ribeiro

Fotos e gravuras: Graça Ribeiro, José Mariano Fonseca (Ilustração do artigo “Reinventem-se Novas Cidades”) , José Miguel Fonseca, Irmãos Limbourg (Gravura “Les Très Riches Heures du Duc de Berry” no artigo “Longevidade das Sementes”), MARCA – ADL e Movimento Slow Food.

Colaboradores neste número: Fátima Teixeira, Graça Ribeiro, José Mariano Fonseca, José Miguel Fonseca, Manuel de Sousa, MARCA – ADL, Osório de Barros, Plataforma Transgênicos Fora do Prato e Virgínia Christensen.

Contactos: Quinta do Olival, Aguda, 3260 Figueiró dos Vinhos, Tel. 236622218 / 213908784 Tm. 914909334

gcaldeiraribeiro@gmail.com ou fncteixeira@gmail.com

A impressão deste boletim foi possível graças ao apoio da Junta de Freguesia do Castelo em Sesimbra

Colaborações são bem vindas. O Gorgulho existe para dar voz aos associados, os vossos pontos de vista e experiências são importantes para enriquecer esta publicação. Faça-nos chegar o seu texto.

EDITORIAL

José Miguel Fonseca

Desejo a todos, em nome da Associação, um Ano Novo de boas sementeiras com abundantes colheitas. O tempo corre de feição, o Outono trouxe-nos a desejada pluviosidade e o Inverno começa com as tradicionais geadas. Enfim, o ano promete ser fecundo. Assim seja.

Com o termo de 2006 é altura para reflectir sobre o ano concluído, e planear o próximo.

Alcançámos os nove meses de vida da Colher Para Semear, um período significativo para o nosso Ser (humano?). Neste processo embrionário percorremos pequenos mas seguros passos, investindo na solidificação das bases: a colheita, reprodução e conservação do nosso património vegetal. De forma consciente e progressiva, aumentando o número de variedades resgatadas de um possível desaparecimento. É esta a razão da nossa existência como associação.

Passámos por um período de grande actividade com a organização do encontro de Sesimbra, assim como a execução do Levantamento das Variedades Tradicionais da Península de Setúbal.

Com artigos favoráveis na comunicação social, a divulgação foi facilitada e as consequências foram visíveis na boa participação e entusiasmo por parte dos

presentes. Desde então o número de associados tem aumentado e presentemente contamos já com 50 sócios de vários pontos do país. Alguns de entre estes manifestaram já interesse em serem guardiões de sementes.

Depois deste período de gestação nasceu o nosso primeiro Catálogo de Variedades para o ano de 2007. Com mais de 370 variedades, englobando 22 espécies, está já disponível aos sócios para que escolham as sementes a que têm direito, até ao fim do mês de Fevereiro. Este resultado advém do trabalho de vários anos de sementeiras, umas falhadas outras bem sucedidas, o qual pretendemos consolidar e ampliar este ano. De salientar o facto de quase todas as sementes terem sido reproduzidas pelos sócios, nos seus terrenos.

Para continuarmos com esta “herança” em boas condições precisamos da vossa colaboração: em especial ao adoptarem uma variedade das espécies onde a contaminação, via polinização cruzada é mais frequente, ajudam assim a manter a pureza das mesmas, dando continuidade às características existentes na própria variedade.

O nosso trabalho tem sido reconhecido por parte de organismos oficiais ou, pelo menos, por alguns dos seus responsáveis.

A Eng^a. Ana Maria Barata, directora do Banco Português de Germoplasma Vegetal (BPGV) recebeu-nos recentemente de forma aberta e simpática, e pôs-nos ao corrente da actual situação portuguesa no que toca à recolha e conservação de sementes. Numa visita guiada, mostrou-nos todo o trabalho em progresso neste momento para conservar o espólio residente no banco. Tivemos também oportunidade de ver parte da colecção existente, em perfeitas condições de manutenção. Algumas variedades foram fornecidas à Associação visando o trabalho em conjunto para um objectivo comum.

Voltámos satisfeitos pelo facto de podermos contar, no futuro, com inúmeras

variedades das espécies actualmente conservada no BPGV. Mas, para isto se possa concretizar, teremos que cumprir religiosamente a nossa parte, ou seja, devolver todo o material cedido pelo BPGV, no final da colheita. Só assim merecemos a confiança delegada em nós.

Olhamos o Ano Novo com optimismo, pois a tarefa que temos pela frente é promissora, apesar de gigantesca.

Os nossos objectivos para 2007 são os seguintes: continuar com a recolha ao nível de todo o país, semear o maior número possível de variedades para manter a vitalidade das mesmas, manter os nossos laços de amizade e cooperação com as associações congéneres estrangeiras e portuguesas, e preparar o próximo Encontro da Semente.

Contamos consigo para alcançar estes objectivos, a sua contribuição é preciosa para concretizarmos as metas acima descritas.



COLHER PARA SEMEAR

**REDE PORTUGUESA
DE VARIEDADES TRADICIONAIS**

AO ENCONTRO DA SEMENTE-2006

(continuação do número anterior)

Publicamos neste número mais uma das comunicações apresentadas no Ao Encontro da Semente 2006, em Sesimbra. Agradecemos à sua autora a disponibilidade e a colaboração para a sua inclusão nesta edição. Aos outros oradores ausentes nesta resenha, por motivos vários, agradecemos igualmente a presença no evento e convidamo-los a enviarem as suas apresentações, para finalmente podermos ter a globalidade dos textos das palestras e quem sabe publicá-las na íntegra num único número ou num documento à parte. Bem haja a todos!



O SLOW FOOD E A BIODIVERSIDADE

Virgínia Christensen

Presidente do Convívium Arrábida Slow Food

O Slow Food é a defesa da lentidão perante a vida, reagindo à cega velocidade nos hábitos quotidianos. Na alimentação há que respeitar o ritmo da natureza e daí a valorização e o amor à semente.

Têm sido muitas as acções e intervenções do movimento desde a sua fundação no sentido de preservar os sabores e de trazer à mesa o produto honesto da evolução das produções, num andar sincopado que se inicia no lançamento da semente à terra, respeitando as práticas locais, a sazonalidade, as artes agrícolas, os hábitos alimentares.

Se quisermos considerar o futuro da alimentação temos de considerar a situação em face de um elemento crucial sem o qual a alimentação não poderia existir: as sementes.

Em 2003 a Autoridade Regional da Toscana adoptou uma ideia de Vandana Shiva e promoveu a formação de uma Comissão Internacional para o Futuro da Alimentação. Ela compreende representantes de todo o mundo - pessoas do campo da ciência, activistas locais, pesquisadores, ambientalistas, organizações agrícolas e outras não lucrativas. Entre eles está Carlo Petrini, fundador e presidente do Slow Food.

Esta comissão estimulou encontros mundiais como o Terra Madre em 2004 e agora a redacção do Manifesto sobre o Futuro das Sementes, apresentado oficialmente em Setembro passado e que irá ser discutido e aprovado no Terra Madre de 2006, exigindo o direito às práticas normais de continuar a trocar sementes como sempre fizemos.

Ele defende que;

- as sementes são o resultado da capacidade dos camponeses se juntarem, inovarem e melhorarem e representam assim um conhecimento acumulado e colectivo.
- o sistema de gestão e uso das sementes tem como base a partilha do conhecimento e não as patentes.
- as comunidades da alimentação (conceito definido pela primeira vez pelo Terra Madre) são os possuidores e os protectores das sementes; os sistemas de alimentos de qualidade devem encontrar critérios que incluam o sabor, a compatibilidade e as características fisiológicas e culturais das comunidades, o grau de biodiversidade, o impacto ambiental, processos participativos e justiça distributiva. O conceito de **“Bom, limpo e justo”** começa com as sementes.
- e, ainda mais importante, as sementes por natureza devem ser trocadas. Os camponeses devem ter o direito de semear o que quiserem e colher sementeiras das suas próprias sementes.

Em síntese, o resultado do trabalho desta associação, começa por referir a transformação silenciosa que está a sofrer o destino da semente.

O futuro da semente é o futuro da terra e da humanidade pois da semente nasce a vida. A diversidade das sementes respeita a diversidade cultural e constitui a essência da continuidade da biodiversidade. As sementes são a base da nossa alimentação e da nossa agricultura, são provavelmente o mais antigo e precioso património da humanidade, evoluindo durante o decorrer dos últimos 12.000 anos de gerações de cultivadores em todo o mundo. A

diversidade, a integridade e a disponibilidade das sementes por parte de todos os cultivadores e pesquisadores de hoje e gerações futuras, é condição essencial para a nossa segurança alimentar no futuro, para a inovação e tradição, para o desenvolvimento sustentável da agricultura e para a diversidade dos sabores.

A lei das sementes é a lei da reprodução, da multiplicação e da difusão. A semente é o primeiro elo da cadeia alimentar, a essência da continuidade e da renovação da vida, da diversidade biológica e cultural dos seres vivos. Ela contém em si a cultura e a história, é o símbolo perfeito da segurança alimentar. Há muito que comunidades de todo o mundo seleccionaram e protegeram com cuidado as variedades locais mais importantes, desenvolvendo os seus conhecimentos conforme as propriedades e exigências específicas das sementes. A troca livre de materiais de sementeira entre os cultivadores tem sido fundamental para a biodiversidade e a segurança alimentar.

A cultura da conservação e da troca de sementes, que estão na base da agricultura em grande parte do mundo, está hoje exposta a uma ameaça. As novas tecnologias, como as da revolução verde e as biotecnologias que destroem o conhecimento cultural e tradicional encerrados nas sementes e anulam o conhecimento holístico das mesmas com todos os aspectos ambientais e agronómicos que lhes foram legados, a cultura alimentar, a ética, a alimentação, a saúde, a estética e a alegria, desenvolvidas num contexto específico de relações sociais, da história e da cultura. E esta desvalorização condena as sementes à extinção. Há um consenso geral de que a tutela adequada do património da diversidade das sementes requer a sua conservação no local, fazendo delas um uso continuado, preferivelmente na região de origem.

Em conclusão: os agricultores produzem diversidade enquanto que a indústria das sementes produz uniformidade. E, se atentarmos nos princípios de base do Slow Food, vamos encontrar a negação de todas as tendências de homologação de sabores que ameaçam a nossa cultura alimentar favor da preservação dos valores intrínsecos das culturas locais em todo o mundo.



O Manifesto Oficial do Slow Food

defendido e aprovado por
delegados de 20 países em 1989

O nosso século, que começou e se desenvolveu sob o signo da civilização industrial, inventou primeiro a máquina e depois adoptou-a como modelo para a vida.

Estamos escravizados pela velocidade e todos sucumbimos ao mesmo pérfido vírus - Vida Rápida - que corrompe os nossos hábitos, invade a privacidade dos nossos lares e nos força a comer Fast Food.

Para ser digno do seu nome, o Homo Sapiens devia livrar-se da velocidade, antes que ela o reduza a uma espécie em vias de extinção.

A defesa firme do tranquilo prazer das coisas é a única via para fazer face à loucura universal da Vida Rápida.

Que as doses certas de prazer sensual, fruição lenta, duradoura, nos protejam do contágio da multidão, que confunde frenesim com eficiência!

A nossa defesa deve começar à mesa com o Slow Food. Vamos à redescoberta dos paladares e sabores da cozinha regional e banir os efeitos degradantes do Fast Food.

Em nome da produtividade, a Vida Rápida mudou a nossa maneira de ser e ameaça o ambiente e as paisagens. O Slow Food é pois a única resposta verdadeira e progressiva.

A verdadeira cultura é isso mesmo: melhorar o gosto em vez de o degradar. E que maneira melhor do que um intercâmbio internacional de experiências, conhecimentos, projectos?

O Slow Food garante um futuro melhor. O Slow Food é uma ideia que precisa de muitos apoiantes qualificados, que possam ajudar a transformar esta (lenta) marcha num movimento internacional, com o caracolinho como seu símbolo.



AO ENCONTRO DA SEMENTE 2006

- Reflexão e conclusões

Graça Caldeira Ribeiro

Quando este boletim chegar às mãos dos nossos sócios, passaram já mais de 2 meses sobre a data do Ao Encontro da Semente em Sesimbra. Mas, de tal maneira foram intensos e sentidos aqueles dias, que nos parece que se realizou ainda há bem pouco tempo.

Ao resolvermos avançar para este 2º Encontro, depois da constituição da Associação, sabíamos há muito da importância de reunir todos os interessados à volta do tema das sementes e da preservação das variedades tradicionais, sendo esse um dos principais objectivos da Colher Para Semear. Também a experiência de 2004, em Coimbra, era prova de que há muita gente que pensa como nós, e que esperava poder participar num novo Encontro. Apesar de estarmos, por tudo isto, desde logo entusiasmados com a perspectiva de nos lançarmos ao trabalho, muitos foram os factos que nos animaram durante os meses em que decorreu a organização.

A imensa colaboração da Câmara Municipal de Sesimbra e de outras entidades locais, a receptividade por parte de todos os oradores que convidámos para as palestras, a perspectiva da participação das redes de sementes estrangeiras, o interesse de membros de vários organismos em expor os seus trabalhos nesta área e, mais tarde, o número crescente de inscrições, foram algumas das boas razões que nos ajudaram a prosseguir.

Especialmente gratificante, foi o contacto com os hortelões, agricultores, pastores e moleiros da região, que nos ajudaram na

descoberta de mais de três dezenas de variedades locais. Partilhando o nosso entusiasmo, mostraram-nos a suas sementes, frutos e legumes, deram-nos pistas para a localização de antigos pomares de variedades já quase desaparecidas e, sobretudo, não nos deixaram esquecer que somos muitos a querer continuar a deitar as nossas sementes à terra.



Desta recolha saiu o Levantamento de Variedades Regionais da Península de Setúbal que apresentámos durante o Encontro, e que esperamos publicar em 2007 com o apoio de algumas Câmaras Municipais desta Península.

Este documento, onde se descrevem e ilustram as cerca de 30 variedades inventariadas, pode ser um precioso auxiliar para novos agricultores que pretendam estabelecer-se naquela região, assim como para as instituições que pretendam promover

a cultura de produções locais. Para os que há muito cultivam aquelas variedades é, sem dúvida, um incentivo para que não as troquem por outras, mantendo assim a sua independência e identidade.



Daquilo que correu bem, pudemos ainda falar de uma sala repleta de sementes em exposição, dos inúmeros visitantes que apareceram, apesar do mau tempo, das cerca de oito dezenas de pessoas que frequentaram as oficinas práticas, do interesse que despertaram as palestras e, sobretudo, da enorme satisfação de todos os que participaram nesta festa de sementes. E ainda da enorme satisfação com que trabalhámos em equipa durante aqueles dois dias.

É certo que, por outro lado, outras coisas não estiveram tão bem como deviam, e terão que ser melhoradas da próxima vez: tentaremos estar mais presentes junto das sementes expostas, para assim podermos dar atenção a todos os que queiram informações e esclarecimentos, ter o programa e o cartaz disponíveis com maior antecedência, pois temos consciência que a informação chegou tarde de mais a muitos interessados, centralizar todas as actividades no mesmo espaço para tornar mais fácil a participação dos visitantes, entre outras.

Para isto, e tudo mais que precise ser feito, contamos com a colaboração de um maior

número de sócios na organização dos próximos Encontros.

Mas, apesar de podermos dizer que o Encontro de Sesimbra correu bem, muito bem mesmo, quando tudo acabou ficámos com muitas dúvidas se deve ser este o modelo de encontro que devemos organizar anualmente. Depois de muito reflectirmos e discutirmos este assunto, concordámos que cada ano, depois de escolhido o local, adaptaremos o programa às condições que a associação tiver disponíveis na altura, juntamente com aquelas que nos forem oferecidas pelas autarquias, juntas de freguesia, associações locais e outros apoiantes.

Certo é que manteremos o objectivo de fazer sempre o levantamento das variedades tradicionais na região, e posterior publicação, como método de recolha e inventariação em todo o país. Nesta tarefa é muito importante a ajuda dos sócios locais (núcleos regionais) na identificação das variedades aí existentes. No programa, que se manterá de dois dias (fim-de-semana), faremos a alteração de realizar as palestras apenas num desses dias, sendo o outro exclusivamente dedicado às sementes.

Gostaríamos de saber a vossa opinião sobre o encontro em Sesimbra e tudo o que aqui foi dito. Em relação Ao Encontro da Semente 2007, daremos mais notícias no próximo número.



ECONOMIA E AGRICULTURA

Manuel Sousa

A definição relativamente consensual para o conceito de economia é: "Gestão racional de recursos escassos para satisfação de necessidades ilimitadas". A agricultura

desempenha um papel fulcral nesta função, porque de uma boa gestão da terra e dos recursos em geral depende por um lado a satisfação das necessidades básicas do homem, particularmente a alimentação ou mesmo o vestuário, mas também o próprio sector industrial como transformador do que o sector primário lhe proporciona.

Até há dois séculos atrás aproximadamente (variável no espaço) a agricultura representava não só a actividade principal geradora de riqueza, como o próprio detentor da posse da terra (no sistema feudal só o nobre e o clero tinham direito a tal) era digno de prestígio, reservando-se à moeda um papel quase meramente simbólico. Rapidamente os valores se inverteram, passando a riqueza monetária a tornar-se referência para o valor, prestígio e influência de cada homem incluindo o próprio plano político.

Com a mudança de valores a terra têm agora de ser geradora de riqueza monetária (moeda), pelo que há que reduzir custos e tempo por um lado e por outro aumentar a produção/receitas, por isso: impuseram-se sistemas mono culturais e/ou intensivos; aplicaram-se adubos químicos, herbicidas e pesticidas; introduziram-se híbridos e transgénicos; esgotamos ainda os recursos hídricos do subsolo. Abandonamos as nossas sementes e plantas empobrecendo a biodiversidade, tornando-nos cada vez mais dependentes de semente e genes tão frágeis como limitadores da nossa identidade e independência.

Mas o sentido meramente comercial da agricultura tem-nos levado ainda ao aumento significativo das áreas agrícolas desertificadas, esterilizadas e arenizadas, hipotecando a vida das gerações futuras para além da poluição do solo, água e ar, pondo em causa a própria saúde física e mental do homem de Hoje.

Mas será incompatível uma agricultura de respeito com o Meio e Outro, com a dignidade de vida de quem nesta trabalha?

A resposta terá de ser positiva. Como? Concorrendo a nível de preços e processos com modelos insustentáveis? De certo não! Adoptando estilos de vida igualmente incongruentes? Por certo, também não. Temos contudo o dever de criar estruturas produtivas, processos e condutas de comercialização capazes de fazer compreender aos outros que qualquer bem tem um valor que deve ter implícito na justa proporção os recursos naturais e o trabalho nele incorporado. Se o fizemos estamos também a devolver à terra a dignidade que as grandes civilizações lhe atribuíram ao longo dos Tempos.



A COLHER PARA SEMEAR LÁ FORA...

Fátima Teixeira

Já aqui demos notícia em números anteriores da participação da associação em encontros, reuniões e feiras, quer de âmbito nacional, quer de âmbito internacional. Não queremos contudo encerrar o ano de 2006 sem dar conta de mais duas presenças significativas, que contribuíram para o estreitar de laços com outras redes de sementes congéneres europeias, como forma de incentivo para continuar o nosso trabalho em prole do património vegetal português.

Assim, a Colher Para Semear, a convite da Red Andaluza de Semillas, deslocou-se de 2 a 4 de Junho a Castillo de Locubín, uma pequena vila próximo de Málaga, para se fazer representar com três elementos numa banca de exposição e também para a discussão nas mesas redondas preparadas para o efeito, no âmbito da III Feria de

Biodiversidad Agrícola, IV Jornadas Técnicas sobre Semillas y Recursos Genéticos en la Agricultura Ecológica. Este evento teve o mérito de, pela primeira vez, desde a nossa participação nestes certames, ter organizado um concurso local de hortas, mantidas em modo de produção biológico junto dos agricultores e agricultoras locais, onde o uso de sementes autóctones era um factor de peso importante na avaliação final, entre outros parâmetros, igualmente válidos. A Colher Para Semear fez parte do júri de avaliação das cerca de 12 hortas visitadas e o grande vencedor foi um digníssimo agricultor perto dos seus 80 anos de idade, que mantinha uma horta de fazer inveja ao mais equipado e treinado jovem hortelão. De seu nome Cayetano, um homem de olhos húmidos e bondosos que distribuiu sementes da sua safra a quem as pedia.

Esta região surpreendeu-nos ainda pela quantidade ímpar de olivais, instalados em plena serra, por vezes em pendores quase impossíveis de acreditar, quase junto aos cumes das montanhas. Castillo de Locubín é ainda conhecida pelas suas variadíssimas cerejas, que nesta altura do evento se encontravam em pleno estágio de degustação para as papilas mais gulosas.



A Colher Para Semear participou ainda na VII Feria de la Biodiversidad Agrícola, V Jornadas Técnicas sobre Semillas y Recursos

Genéticos en la Agricultura Ecológica, 2º Seminário Europeo “Liberemos la Diversidad” em Bullas, próximo de Múrcia, Espanha. Desta vez a associação esteve representada apenas com um único elemento, dada a proximidade com o Ao Encontro da Semente - Sesimbra 2006, em Portugal, cuja organização entrava já na recta final, uma vez que o encontro em Espanha se realizou de 12 a 15 de Outubro e o de Portugal apenas uma semana depois, de 21 a 22 de Outubro. Do programa intensivo constaram actividades muito variadas, já habituais nestes eventos, desde oficinas para crianças e para adultos, a exposições e demonstrações, bem como provas gastronómicas, visitas guiadas, concursos de desenho e de fotografia, música étnica, para além das palestras inerentes às jornadas e ao seminário.

Neste encontro foi muito importante conhecer (novas) e reencontrar (velhas) várias redes europeias presentes no seminário. Desta vez, para além das já conhecidas Garden Organic do HDRA do Reino Unido e da Red Andaluza de Semillas, da Andaluzia, tivemos oportunidade de conhecer de perto o trabalho desenvolvido pela ProSpecieRara da Suíça, pela ABL da Alemanha, pela Sainatoudi Panagioti - Comunidad Alternativa de Peliti na Grécia, pela Rede de Sementes Rurales de Itália e pela Réseau de Semences Paysannes, em França. Este evento foi uma organização conjunta da Red de Semillas Resembrando e Intercambiando, da Red de Agroecologia Y Ecodesarrollo da Região de Múrcia e do Ayuntamiento de Bullas.



LONGEVIDADE DAS SEMENTES ¹

Osório de Barros

Parece não restar dúvida que certas sementes, conservadas ao abrigo de toda a influência do meio externo, mantêm durante um tempo ainda indefinido as suas faculdades germinativas. As sementes da bétula, da faia preta, da giesta, do murtinho, da esteva, etc., enterradas muito profundas não perdem as suas qualidades pelo menos durante um século. Cita-se o facto de algumas sementes de sensitiva com mais de cem anos terem germinado e florido lindamente e que uns feijões encontrados no herbário de Tournefort, semeados cento e vinte anos depois da morte deste naturalista, também floresceram e frutificaram. Mr. Cap, que se dedicou com o maior interesse e cuidado ao estudo da questão, chegou à conclusão de que a suspensão mais ou menos prolongada das funções fisiológicas das sementes provinha dos princípios componentes do pericarpo só poderem reagir entre si em presença de água, condição esta primordial para o rompimento do equilíbrio desses princípios e, conseqüentemente, o despertar da vida das sementes: o ar, a luz e o calor eram agentes secundários que não podiam actuar sem o concurso da humidade. Em apoio dessa opinião e como um apêndice à interessante memória de Mr. Cap apresentada à Academia das Ciências de Paris, Mr. Girardin, depois de observar um certo número de factos que chamaram a sua atenção, concluiu também, que a vida vegetal pode ser indefinidamente atrasada em algumas sementes bem conformadas e maduras logo que se mantenham fora da influência da humidade. Assim, segundo ele, o grão de trigo pode manter longamente a sua faculdade germinativa quando esteja em sítio seco, sem ar circulante.

¹ In Semana Agrícola nº 126 de 28 de Julho de 1935, Lisboa, Ano III.

Ficou notável o caso de um proprietário de Nápoles, ao reedificar um prédio rústico que comprara nas cercanias daquela cidade, ter encontrado nos antigos alicerces, construídos em terreno muito argiloso e com perto de duzentos anos, um armazém, com a abertura hermeticamente fechada, cheia de trigo e em bom estado de conservação que, semeado em várias terras, deu belas searas.



Citemos ainda outras observações. Em 1817 foi descoberto na cidade de Metz, outro armazém que pela construção parecia datar de 1523, e, apesar de já terem decorrido 294 anos, o trigo dele retirado deu boa farinha e bom pão. Também em Sedan foi encontrado num depósito um trigo com mais de cem anos, tendo sucedido o mesmo nas vilas destruídas pelos turcos em 1526, que foram aproveitados para a alimentação dos

habitantes. O painço tirado de sacas nas fortalezas da Bósnia e o centeio armazenado em seus castelos pelos senhores feudais para a subsistência dos seus vassallos em tempo de guerra revelaram-se com todas as suas faculdades germinativas e nutritivas.

Em 1834 retirou-se de um antigo túmulo, perto de Maiden-Castle, na Inglaterra, um esqueleto humano que tinha na cavidade abdominal uma pequena quantidade de sementes. O professor Lindley, semeando-as numa terra bem preparada e adubada, obteve belos frutos de framboesa.

No túmulo de um diácono chamado Bardario, falecido no ano quinhentos e inhumado num cemitério da cidade de Condes, no Auvergne, o abade Croiset viu folhas ainda verdes, sementes e algumas bugigangas, estando os ossos envolvidos por uma camada espessa de argila bem amassada e comprimida. As sementes deram o alecrim e a camomila. Na Primavera de 1834 um lavrador da comuna de Mouzie-Saint-Martin, cantão de Lafore, ao surripar profundamente uma terra destinada a vinha, descobriu um grande número de campas apresentando algumas a particularidade das cabeças dos esqueletos repousarem sobre um monte de sementes bem conservadas. A forma, a natureza e a construção dessas campas demonstravam que pertenciam à época galo-românica e devia remontar aos primeiros séculos da nossa era.

As sementes retiradas com precaução de seu funério receptáculo e semeadas em vasos por Mr. Rousseau, viveirista em Bergerac, germinaram rapidamente, passado por todos os normais períodos fisiológicos e deram flores de heliotropo e de trevo amarelo. Um facto análogo e igualmente curioso foi notado em Saint-Lazare pelo coronel Lapeyre, porque, tendo mandado cavar muito fundo uma parte do seu jardim, encontrou a certa altura um grande vaso com terra gorda envolvendo muitas sementes, que pareciam petrificadas e enoveladas. A

massa grosseira do vaso, sua espessura, seu fraco grau de cozedura e sua cor anegrada, a quantidade de areia contida na terra, os restos de um cordão grosseiramente ornamentado com depressão feita com a ponta dos dedos, tudo isso indicava que o vaso remontava à primeira idade da arte dos gauleses e , portanto, antes da invasão romana. As sementes conquanto secas, foram semeadas com precauções, deram sinais de vitalidade, e desenvolveram-se mais de 50 plantas "a mercurial", umas machas, outras fêmeas.

Em 1844 foi encontrado em Inglaterra, num sarcófago egípcio, um vaso com grãos de trigo, de fava e de ervilha; o trigo germinou; as favas perderam-se, mas as ervilhas, metidas em estufa quente, floriram e frutificaram. Três bagos de trigo, achados no Egipto nos meados do século passado em uma múmia, fora, mandados semear pelo duque de Devonshire, presidente da Real Sociedade de Horticultura de Londres, e deram outras tantas espigas, tendo uma delas cento e trinta e três grãos ligeiramente escuros e que pelo formato alongado pareciam semelhantes aos do chamado "trigo da Rússia".

Fiquemos por aqui, porque mais poderíamos escrever, tirado de livros consultados, entre os quais os de Kunth, Passalacqua, Jornard, etc.

Mas julgamos o bastante para uma ligeira descrição do assunto, que outros mais competentes poderão desenvolver. Certo é que todos os investigadores dizem que em geral as sementes farinosas, isto é, com abundância de fécula, como os cereais e as leguminosas, são as mais aptas para resistirem, com todas as suas faculdades, ao decorrer dos anos.



PASSEIO DE PRIMAVERA

Fátima Teixeira com MARCA – ADL

Em colaboração com a MARCA – Associação de Desenvolvimento Local, em Montemor-o-Novo, a Colher Para Semear convida os seus sócios e amigos a juntarem-se ao passeio que esta associação organiza naquele concelho. Esta saída têm a particularidade de contar com a vasta experiência e sabedoria do Sr. José Salgueiro, autor do livro reeditado em 2005 por aquela associação, com o nome “Ervas, Usos e Saberes _ Plantas Medicinais no Alentejo e outros Produtos Naturais”.

Mestre Zé Salgueiro, ervanário e poeta popular, filho de trabalhadores rurais, cedo começou a labutar para o seu próprio sustento e da família. Foi aguadeiro em feiras e romarias, vendeu sardinha de monte em monte, sachou hortas, trabalhou nas ceifas, até que aos 14 anos foi aprender a profissão de sapateiro que só deixaria aos 50 anos para se dedicar a uma das suas paixões: as plantas medicinais. Quando acompanhava a mãe no trabalho dos campos, aprendeu a conhecer as ervas e a experimentar mezinhas que com elas se preparavam. Desde então tem-se dedicado ao seu estudo, colheita e secagem.



Com um saber acumulado ao longo de 87 anos vividos intensamente, editou este livro e tem um genuíno prazer em transmitir recordações e saberes sobre a vida das plantas e dos homens.

Nesta obra, o autor apresenta as plantas medicinais da região, fala da sua utilização no tratamento de doenças e seus benefícios na Medicina Natural, para além de ensinar também os procedimentos necessários para a boa colheita, secagem, conservação e preparação dessas plantas. Portanto, um livro precioso na prateleira de qualquer botica natural, quer pelo conhecimento que transmite, quer pela obra de alguém que dedicou toda uma vida ao conhecimento das plantas, e que agora partilha connosco.

Voltando à temática do passeio com o Mestre José Salgueiro, estão para já agendadas duas datas possíveis, ainda a confirmar. A saber, uma a 22 de Abril e outra a 6 de Maio, ambas ao Domingo, dia propício aos passeios primaveris com a família, que esperamos venham a ser dias muito agradáveis para andar pelo campo e descobrir as suas riquezas naturais.

Na sua companhia vamos descobrir algumas das plantas localmente utilizadas para fins culinários e medicinais (alecrim, cidreira, poejo, pilriteiro, cavalinha, salgueiro, etc) e escutar estórias e testemunhos de um mundo rural que desaparece.

No próximo boletim daremos mais pormenores sobre este passeio que anunciamos agora.



REINVENTEM-SE NOVAS CIDADES

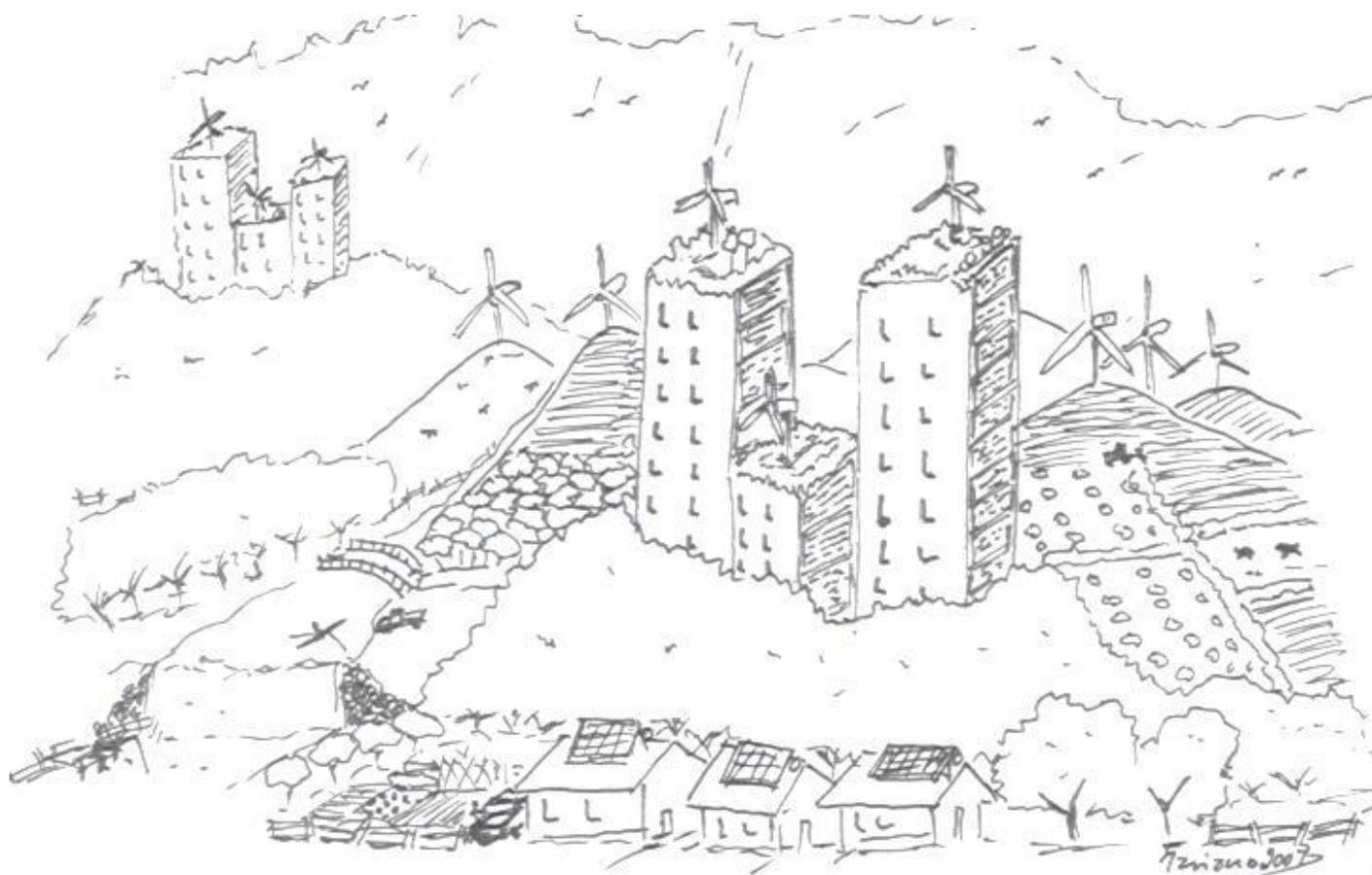
José Mariano Fonseca, bioeducar@tugamail.com

Os primeiros registos de civilização e ocupação humana sedentária (do tipo

povoado), poderão ter ocorrido à 11 mil anos na região do Crescente Fértil, onde ainda antes do homem ter domesticado a Natureza através da prática da agricultura, se radicou nessa região caracterizada por uma extrema abundância de alimentos (legumes, fruta e caça). Com o estabelecimento de uma residência fixa e o surgimento da agricultura e a domesticação de animais, as aldeias ou povoados vão crescendo à medida que a população aumenta, dando origem a vilas e posteriormente a cidades. As primeiras cidades ao longo da evolução das civilizações humanas partilhavam quase todas, uma forte componente natural, onde a natureza intervinha de uma forma harmoniosa estabelecendo a ligação entre o património edificado e o património natural. Nas ilustrações e representações feitas a partir dos dados arqueológicos, constata-se a presença constante de zonas ajardinadas

e/ou de cultivo entre as construções, ou nas regiões periféricas das grandes urbes. Os verdadeiros motivos de tal prática não são conhecidos na sua plenitude no entanto, todos os indícios apontam para que se tivesse em mente critérios, não só de estética ou lúdicos, mas também, de auto-abastecimento de produtos frescos (verduras, frutas e produtos de origem animal).

A partir de uma observação cuidada no terreno e de um estudo minucioso dos mais variados achados arqueológicos, associados ao nascimento e desenvolvimento das primeiras cidades, é possível constatar que os seus planeadores tiveram em consideração princípios de sustentabilidade e de harmonização, que nos dias de hoje nos deixam boquiabertos, face à forma catastrófica como a generalidade das nossas cidades tenta funcionar.



As cidades de hoje são na sua generalidade, cada vez mais, locais despídos de essência, onde a desarmonia impera, quer

na miscelânea de cores berrantes dos edifícios e “outdoors”, que tentam a todo o custo chamar a atenção dos transeuntes; quer

nos excessos de iluminação artificial que nos ofuscam a visão, impedindo de contemplar os astros; quer no excessivo predomínio do betão e do asfalto, sobre a terra e a vegetação, privando-nos dos cheiros e do contraste de cores de cada estação do ano. A sustentabilidade destes locais restringe-se pouco mais do que, à mobilidade e ao acesso dos cidadãos aos locais de destino (superfícies comerciais, trabalho, zonas de lazer, ou outras), e mesmo assim, quase sempre se assiste diariamente a um autêntico quebra-cabeças, sempre que nos tentamos mover no tecido urbano.

Ao olharmos para alguns edifícios e aglomerados urbanos do passado, é notória a capacidade dos nossos antepassados para adaptarem as construções e a sua vivência nos aglomerados urbanos não só às características de cada região, mas também às necessidades mais básicas do ser humano (alimentação, lazer e bem estar). Aqui, são variados e frequentes os exemplos de práticas de sustentabilidade que herdámos do passado, mas que teimamos em ignorar. São exemplo destas práticas, os terraços das casas mouriscas que recolhiam a água da chuva e que uma vez ligados a algerozes conduziam esta para cisternas ou poços, com vista à sua utilização nos períodos secos. Outro exemplo são os jardins murados ou quintais, outrora comuns no tecido urbano, onde se recriavam ambientes devotados ao lazer e sossego, ou onde se possuía alguma criação e cultivava de tudo um pouco para abastecer a mesa de produtos frescos (em especial nas famílias de poucos recursos).

Ao contrário dos dias de hoje, as urbes de então proporcionavam um ambiente favorável ao desenvolvimento de cidadãos mais cultos e responsáveis no seu relacionamento com a natureza e com os seus pares, eram espaços fecundos de actividade, onde as pessoas viviam um sem número de situações que as tornavam mais autênticas e

racionais, na procura dos seus ideais de felicidade.

Ao longo da existência da humanidade o homem tem-se deparado por diversas vezes com alterações no meio ambiente, que quase sempre têm obrigado a profundas alterações na sua forma de estar e de se relacionar com o meio envolvente. Nos dias de hoje com o prenúncio das modificações que poderemos vir a enfrentar num futuro próximo, por via das alterações climáticas, do esgotamento dos recursos energéticos fósseis e da crescente desumanização que graça entre nós, penso que os aglomerados urbanos poderão vir a funcionar como um escudo protector, onde uma funcionalidade com princípios mais ecológicos e sustentáveis, nos permita voltar a encontrar uma posição mais reconciliadora e integrada no meio da Natureza.

Esta poderá ser no futuro uma das tarefas mais exigentes que os nossos arquitectos e projectistas já tiveram pela frente, tornar-se construtores de paisagens e integrarem harmoniosamente os factores de humanização neste contexto. Restabelecer a naturalização da humanidade.

Os indícios de que necessitamos de caminhar neste sentido vão sendo cada vez mais evidentes e um pouco por todo o lado, se assiste a sinais de que o homem necessita de restabelecer a sua ligação com a terra e a Natureza.

O cultivo de terrenos baldios, ou de terras nas margens das cinturas urbanas começa a atingir proporções significativas ao nível das principais cidades do globo, os valores de produção da chamada agricultura urbana são cada vez maiores e começam a ter alguma expressão ao nível da economia dos países, face à produção agrícola dos mesmos. Este tipo de agricultura que no início começou quase sempre por ser praticado por famílias de baixos recursos, que procuravam desta forma suprimir algumas das carências alimentares resultantes do baixo rendimento

obtido (normalmente imigrantes, reformados e desempregados), é agora também, procurado por pessoas que pretendem reequilibrar os seus débeis orçamentos familiares, ou que simplesmente procuram uma actividade de lazer que seja simultaneamente produtiva e lhes devolva um sentido de integração no meio natural.

A Agricultura Urbana assume-se assim como uma vertente de extrema importância a desenvolver no contexto das urbes e como tal, é necessário repensar a dinâmica de funcionamento e organização das cidades de forma a reservar espaços para a sua prática. Os benefícios futuros desta actividade poderão vir a ser amplificados se pensarmos as cidades num modelo integrado e sustentável.

A noção de espaço verde ou jardim urbano, com relvados imensos e espécies exóticas é cada vez mais, num futuro próximo, algo que se desadequa às mudanças bioclimáticas esperadas, talvez a opção por uma rede de hortas comunitárias com percursos visitáveis e zonas de lazer partilhado, seja uma opção mais sustentável do ponto de vista económico (baixos custos de manutenção) e da devolução da responsabilização destas áreas aos munícipes.

O recurso a materiais de construção mais ecológicos e a utilização de meios de transporte movidos a energias alternativas, reduzirão em muito a produção de resíduos tóxicos e permitirão utilizar de forma mais segura recursos como o solo, a água ou o ar das cidades.

A intensificação da arborização e do coberto vegetal (árvores, arbustos e prados naturais) nas grandes cidades, com espécies autóctones, poderá beneficiar-nos a todos, não só da capacidade sumidora de dióxido de carbono destas biofábricas, como também, beneficiar da sua acção reguladora ao nível bioclimático, tornando os espaços urbanos em espaços mais acolhedores e menos

dissipadores de energia. Acresce ainda, a possibilidade de criar nichos ecológicos para abrigar a crescente diversidade de espécies silvestres que procura abrigo e segurança no meio urbano.

A obsessão por invadir os campos e as nossas mesas com produtos geneticamente manipulados (alimentos transgénicos), com base em critérios de produtividade e de aumento de lucros para quem produz, vai por certo levar ao predomínio de um artificialismo alimentar que resultará numa extinção maciça de espécies agrícolas (património com mais de 10 mil anos de existência) e que não só, poderá ter consequências inesperadas para o futuro da humanidade, com também, será por certo o cortar do último elo que nos liga ao mundo natural, correndo o risco de ficar à deriva e seguir por um caminho sem destino e de onde podemos não conseguir regressar. Os jardins e as hortas urbanas poderão ser o último reduto, um abrigo seguro para evitar que a contaminação genética invada o legado dos nossos antepassados, impedindo assim a erosão dos genes e da cultura a eles associada.

O crescente abandono da actividade agrícola e o recurso a políticas fomentadoras do esvaziamento do espaço rural, começa a ter como principal consequência que, temos um número muito reduzido de pessoas ou entidades a zelar pela produção global de alimentos e pela gestão dos nossos recursos naturais. Esta realidade poderá ser insustentável nos tempos mais próximos, e tem como principal consequência uma excessiva dependência de alguém cujos interesses podem nem sempre ser os mais desejados. Talvez seja tempo de reflectir e agir, pondo em prática políticas fomentadoras de movimentos que permitam envolver na gestão dos recursos naturais, um número cada vez maior de pessoas, associações de cidadãos ou outras, para que cada um assuma parte na responsabilização

por um património global. Só assim, poderá estar assegurado o futuro da humanidade.

A responsabilização e a educação das nossas crianças para valores relacionados com o ambiente e a cidadania no que se refere a práticas de sustentabilidade, jamais terão sucesso se estas não forem apoiadas em contexto que permita experimentar, interagir e viver de perto com o meio natural. Não se espere que alguém proteja significativamente ou desenvolva afecto por algo que desconhece na sua realidade quotidiana.

Por tudo o que já foi dito é por certo urgente, repensar os modelos do nosso habitat, cabe-nos a nós buscar inspiração no que de melhor fizeram os nossos antepassados, e projectar o futuro numa perspectiva integradora e multifuncional, onde não existam fronteiras entre o natural e o edificado, entre o que é rural e urbano, estou certo que o caminho mais correcto em direcção ao futuro que se avizinha, é o investimento na construção de uma paisagem de fusão onde se beneficie do melhor dos dois mundos, o dos homens e o da Natureza.

Se é certo que quem semeia ventos, colhe tempestades, talvez seja tempo de fazer uma escolha melhor do que semeamos, para que na hora da colheita não apareçam surpresas desagradáveis.



PIONEER CESSA CULTIVOS DE OGM EM PORTUGAL!

Plataforma Transgénicos Fora do Prato

Em toda a história trágica e preocupante da actuação da Pioneer em Portugal, eis que finalmente damos conta de uma notícia que nos agrada especialmente: a empresa de agro-químicos Pioneer, simplesmente

desistiu de tentar fazer ensaios de campo com milho transgénico em Portugal. A Pioneer não deu os motivos, simplesmente escreveu ao Ministério do Ambiente a dizer que não pretendia continuar com o processo.

Pensamos que depois de toda a pressão a que tem sido sujeita por parte de câmaras e também da Plataforma Transgénicos Fora do Prato (PTFP) indirectamente e depois das contrariedades em Ponte da Barca e no Cadaval, este foi o passo mais acertado, para a preservação das nossas sementes autóctones.

A PTFP congratula-se pois pela decisão e faz votos para que mais câmaras estejam atentas ao que acontece nos seus domínios e que cada vez mais câmaras se proclamem Zonas Livres de Transgénicos.



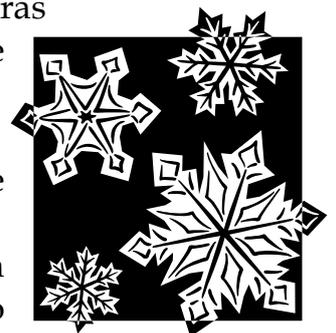
ALMANAQUE

O INVERNO NA HORTA

Graça Ribeiro e José Miguel Fonseca

A partir deste número do nosso boletim publicaremos um calendário de culturas, a praticar em cada mês do respectivo trimestre. Esperamos assim contribuir para o sucesso das vossas hortas, com alguns conselhos de práticas adequadas, indicando as variedades mais próprias de cada região e os trabalhos associados a culturas específicas, para que possam ter boas sementeiras, colheitas abundantes e recolha de numerosas sementes.

Que esta rubrica seja também um incentivo para aqueles que ainda não



se decidiram a deitar sementes à terra; se a razão for a falta de espaço, não se esqueçam que em qualquer palmo de terra, vaso ou canteiro, pode crescer uma bela horta.

Incluiremos ainda, nesta espécie de almanaque agrícola sazonal, um pequeno texto sobre uma espécie hortícola da época, com algumas sugestões culinárias tradicionais.

Este Inverno escolhemos as ervilhas, por serem de fácil cultura e produzirem abundantes sementes.

Janeiro

*Em Janeiro sobe ao outeiro
Se vires verdejar, põe-te a chorar
Se vires torrear, põe-te a cantar*

Este mês é propício à reflexão, pois a actividade agrícola é reduzida no que diz respeito às sementeiras. Os antigos chamavam-lhe um “mês morto”.

No entanto, ainda se pode semear algumas favas serôdias, e continuar com a sementeira das ervilhas palha. É ainda tempo de começar a fazer os viveiros de alface temporã, resistente aos frios, de cebolas (todas menos as precoces) e de couves galega e coração.

Em Janeiro deve-se aproveitar para planear as hortas para a Primavera seguinte, tendo em atenção as rotações efectuadas nos anos anteriores, de maneira a combinar as próximas sementeiras ou plantações. Deve-se ainda planear segundo um esquema de consociações favoráveis entre as diferentes espécies, como método de combater as pragas e melhorar as colheitas.

É também importante verificar se as sementes em armazém estão em boas condições. Se não for o caso, retirar aquelas que têm bolores e outros fungos. As restantes sementes do mesmo lote devem de imediato ser sujeitas a uma secagem forçada, perto de uma lareira ou forno, e novamente

guardadas, evitando locais húmidos e com amplitudes térmicas muito altas (cozinhas ou a proximidade de casas de banho). Por fim, escolher e separar as destinadas às sementeiras, pois não é aconselhável levar o lote inteiro para a horta e voltar a armazená-lo.

Fevereiro

*Neve de Fevereiro
Presságio de mau palheiro*

Em Fevereiro a actividade na horta aumenta. Embora seja um mês propício a condições adversas, já permite efectuar algumas sementeiras de Primavera - Verão, especialmente na segunda quinzena.

Continua-se a semear ervilhas, coentros, alfaces (todas) e as últimas favas serôdias. E começa-se com as primeiras cenouras, beterrabas, acelgas e pastinaga.

Em abrigo, faz-se viveiros de tomates, pimentos e beringelas, e ao ar livre de cebolas, alho-porro, cebolinho e couves diversas. Em locais abrigados das geadas, deve-se plantar alhos e batatas de variedades precoces.

É ainda altura de semear os cereais de ciclo curto (tremeses), como trigos, aveias e centeio. Se o tempo se apresentar chuvoso, adiar estas sementeiras para o mês seguinte.

Aproveitar este mês para catalogar as sementes armazenadas. Aquelas que se tem em maior quantidade podem ser trocadas por outras em posse de colegas ou vizinhos, o que consideramos ser uma prática saudável.

Para efeitos de recolha de sementes, ter em atenção as espécies de polinização cruzada. Não semear mais do que uma variedade ou, pelo menos, evitar que a floração das diferentes variedades coincida. O conhecimento das sementeiras que se fazem nas hortas vizinhas é, pela mesma razão, muito importante.

Março

*Quando o Março sai ventoso
Sai o Abril chuvoso*

O mês das sementeiras: acelgas, agriões, aipos, alfaces, alho-porro, beringelas, beterrabas, cebolas, cenouras, coentros, couves, ervilhas (rasteiras), espinafres, feijões, mostardas, nabos serôdios, pastinaga, pimentos, rábanos, salsa, segurelha, espinafre da Nova Zelândia (tetragonia) e tomates.

Março pode ainda ser um mês de clima adverso, especialmente a norte, por isso semear o feijão, o tomate e o pimento, de ar livre, em pequenas quantidades. Semear abóboras, melancias, melões e pepinos, em vaso, de maneira a recolhê-los, caso haja perigo de geadas ou chuvas em excesso.

Última oportunidade para semear os cereais de tremes.

A plantação de batata entra em pleno neste mês, em especial para as variedades de sequeiro. Com a mesma intenção de evitar regas desnecessárias, semeiam-se em Março os milhos de sequeiro.

As primeiras plantas de cebola serôdia estão prontas para plantar, assim como as das couves e das alfaces temporãs.



AS ERVILHAS (*Pisum Sativa*)

No fim do Inverno aparecem as primeiras ervilhas frescas nos mercados e lugares de fruta, um pouco por todo o país. Mais raro é vê-las assim, recém-apanhadas e ainda dentro das suas vagens, em locais de grande consumo, como sejam os hipermercados. Aí, a venda desta leguminosa faz-se durante

todo o ano; congeladas dentro de sacos de plástico ou em latas de conserva, as ervilhas não têm época e estão sempre disponíveis. Isto porque, tal como tantas outras coisas que se foi deixando de fazer, em nome da actual “falta de tempo”, descascar ervilhas é hoje, para a maioria das pessoas, uma actividade impensável e desnecessária.

Por outro lado, é já de senso comum que os legumes frescos são mesmo mais saudáveis e saborosos, portanto só falta é pôr mãos à obra. Basta reunir a família à volta de uma mesa e aproveitar esta oportunidade para um pouco de conversa. As crianças costumam aderir com entusiasmo a esta alternativa à televisão, com a perspectiva de encontrarem uma vagem com sete bagos, a que se costuma chamar “ervilha da sorte”.

Melhor ainda se as ervilhas forem da própria horta e acabadas de apanhar. Quem não experimentou semeá-las poderá ainda fazê-lo este ano, com alguma variedade rasteira. Verá então como é compensadora esta cultura, de fácil sementeira, poucas sachas e abundantes colheitas. E, enquanto crescem, pode ainda desfrutar do seu ervilhal em flor.

Cultura

As ervilhas semeiam-se de Outubro a Março, conforme as variedades e a zona do país, de preferência em terras onde antes esteve uma cultura exigente em nutrientes. Tal como as outras leguminosas, as ervilhas fornecem azoto em quantidade apreciável, não precisando por isso de quaisquer fertilizações para além da simples adição de cinzas, como fonte de potássio.

Por outro lado, a aplicação de grandes quantidades de azoto (estrupe ou outros) pode favorecer o crescimento da rama, em detrimento da vagem.

Existem variedades rasteiras, meia palha e de trepar. Outras, chamadas “tortas”, “de quebrar” ou ainda “come tudo”, não se

descascam e preparam-se com a vagem inteira, antes da formação do grão.

Neste último caso, por serem de ciclo mais longo, devem ser semeadas precocemente. Deve-se também ter atenção ao ensombramento que possam causar sobre as outras culturas, o que se pode evitar colocando-as do lado norte da horta.

Por terem raízes sensíveis ao encharcamento, toleram mal as terras com pouca drenagem, devendo-se neste caso optar por variedades mais serôdias. Por outro lado, para solos mais secos escolhem-se ervilhas de cultura precoce, para que não sofram mais tarde com a falta de humidade. Semeiam-se a pouca profundidade (1cm), em regos com cerca de 40cm de distância entre si.

Na horta, beneficiam da companhia de cenouras, nabos, batatas e feijões. Por outro lado, não se desenvolvem bem perto da família dos *Allium*, como sejam, cebolas, alhos franceses, cebolinho ou alhos.

Deve-se colher as ervilhas desde que os bagos começam a engrossar, pois quanto mais tenras mais saborosas são.

E tantas são as utilizações das ervilhas na culinária, que é muito fácil introduzi-las em grande parte das refeições, na época da sua colheita: cozidas, guisadas, em purés e recheios, elas podem estar presentes, e ser sempre bem aceites, à mesa.

Quem já demonstrou a sua paciência ao descascar ervilhas, pode fazer mais um teste a essa sua qualidade preparando uma sopa com as vagens bem frescas, às quais se tira previamente a pele exterior. Depois, basta juntar água, uma pequena quantidade de batata e cebola, e um fio de azeite, e deixar coser. Esta sopa serve-se passada e, para ficar ainda melhor, com pequenos cubos de pão frito que se juntam depois de servida, já no prato.

Boa sorte para o vosso ervilhal.





COLHER PARA SEMEAR

**REDE PORTUGUESA
DE VARIEDADES TRADICIONAIS**

BOLETIM DE INSCRIÇÃO DE SÓCIO

(Por favor, preencher com letras bem legíveis, de preferência com maiúsculas)

Nome: _____

Morada: _____

Localidade: _____ Código Postal: _____

E-mail: _____

Telefone/ Telemóvel: _____ Data de Nascimento: _____

Profissão: _____ Nacionalidade: _____ Nº contribuinte: _____

Quota anual: Sócio individual 35 € Sócio colectivo 70 € Sócio estudante/reformado/menor de 16 anos 17,5 € Donativo de _____ Pretende receber sementes*? Sim Não

Pagamento por cheque nº _____ do Banco _____

No valor de _____ à ordem de Colher para Semear

Data _____ Assinatura _____

Preencha e envie para: **Colher para Semear**, Tv. Convento de Jesus, 47 – 2º dto, 1200-125 LISBOA

***Os sócios da associação Colher Para Semear têm o direito a: participar em todas as actividades promovidas ou apoiadas pela associação (p. e. encontros, oficinas de formação) com direito a redução de entrada quando praticável; receber o boletim interno e circulares; usufruir anualmente de um número de variedades, que serão definidas e disponibilizadas pela Direcção a partir de uma lista anual.**

COMO CONTRIBUIR?

Para concretizar estes objectivos, que são do interesse de todos nós, é necessária a contribuição do maior número de pessoas. De que modo?

- Através da inscrição como **sócio**;
- Pela oferta de **donativos** ou **géneros**;
- **Voluntariado** em diversas áreas: parte administrativa, pesquisa e trabalho de campo, recolha e propagação de sementes, inventariação, outras áreas relacionadas com as actividades da associação.
- Ser sócio **guardião de sementes**: comprometendo-se a multiplicar a(s) variedade(s) que apadrinhar, devolvendo à associação parte da sua colheita anual, devidamente seleccionada. Este sócio deve ter assistido previamente a uma oficina de formação sobre recolha, caracterização e propagação de sementes. O sócio guardião é mencionado no catálogo de variedades como reprodutor da semente que apadrinhar.